

MATUTO

Maria Consuelo Porto Gontijo

matuto
quando deita a cabeça na cidade,
os pés ganham a estrada.
e o asfalto, lastro
na derrubada das matas,
é mastro
de barracos que se apinham
nas costas acidentadas
do morro.

fero-cidade
onde o corpo fazendeiro
rumina
a solidão dos bois
na vontade
de um copo de leite.

fero-cidade
onde o alvoroço do regato
se empoeira
nas latas d'água
puxadas
do outro lado da pedreira.

fero-cidade
onde à saudade,
a dizer lamentos,
se comove indecisa
em cada ponta de capoeira.

fero-cidade.
em cada ribanceira um perigo,
em cada encosta de mata
a criminalidade.

fero-cidade
sem canto de pássaros,
o céu cuspiendo fumaça,
o suor sem trabalho.
as sementeiras, na invernada
das chuvas,
esquecidas
num copo de cachaça.